

# População em situação de rua: a evidência da barbárie

Verônica Martins Tiengo<sup>1</sup>

## Introdução

Rosa Luxemburgo trouxe a expressão “Socialismo ou barbárie” no contexto da Primeira Guerra Mundial. Hoje, temos muitas outras expressões da barbárie, quanto mais o capitalismo se desenvolve mais nos aproximamos da barbárie geral<sup>2</sup>. A existência de pessoas que vivem em situação de rua é uma das mais evidentes e dramáticas manifestações da barbárie inerente ao capitalismo.

Em 2020, vivemos uma pandemia que parou o mundo. As cidades famosas pelo grande fluxo de pessoas são vistas vazias. A orientação dos principais líderes do mundo é que as pessoas fiquem em casa para evitar o contágio e lavem suas mãos com maior frequência e, ao saírem de casa (para os supermercados e farmácias, visto que somente o comércio essencial deve permanecer aberto), é necessário levar álcool em gel para higienizar as mãos em busca de evitar a contaminação pelo coronavírus.

A economia entrará em colapso e os que pagarão os custos dessa nova crise do capital, que promete ser uma das mais terríveis pelo qual o capital já passou, são os trabalhadores. Os mais pobres, inseridos nos trabalhos mais precários da informalidade, já sofrem com a fome<sup>3</sup>.

Em março de 2020, foi noticiado que o governo estuda cortar os salários em até 50%<sup>4</sup> para que o Estado passe pela crise. Até o momento, não vemos nenhum governante sequer cogitar sobre taxar as grandes fortunas, pois cabe ao trabalhador pagar a conta.

Comentamos sobre o contexto atual para nos lembrarmos de um grupo que vive em condições ainda mais pauperizadas: a população em situação de rua. Essa população não tem acesso adequado à higiene, não acessa água e sabão e, evidentemente, não pode comprar álcool em gel, tampouco possuem uma casa para ficarem confinados. Com vistas a demonstrar a presença da barbárie, segue a fala retirada de uma reportagem, de um homem em situação de rua, José, de 49 anos, que trabalha com a catação de materiais recicláveis.

---

<sup>1</sup> Assistente Social. Especialista em Gestão de Políticas Sociais públicas e privadas. Mestre em Política Social. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista Fapes. Membro do grupo de estudos e pesquisas sobre a teoria da dependência - Coletivo Anatólia de Melo/Ufes.

<sup>2</sup> LOUREIRO, Isabel. *Socialismo ou barbárie*: Rosa Luxemburgo no Brasil. São Paulo: Rosa-Luxemburg-Stiftung, 2009. Disponível em: <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/socialismo-ou-barbarie.pdf>. Acesso em: 02/04/2020.

<sup>3</sup> Reportagem do ESTV 2ª edição em 01/04/2020. Ambulantes e catadores ficam sem trabalho por causa do coronavírus e falta comida em casa: Alguns dizem que bebem água para disfarçar a fome. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8450353/programa/>. Acesso em: 02/04/2020.

<sup>4</sup> BRIGATTI, Fernanda. Corte de salários preservará empregos, dizem analistas. *Folha*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/corte-de-salario-preservara-empregos-dizem-analistas.shtml>. Acesso em: 02/04/2020.

Falam que a gente tem que lavar as mãos, mas vamos lavar onde? A gente não tem água. Não acredito que eu vá pegar essa doença. Tenho fé, Deus vai me proteger. Já passei por muita coisa nessa vida e tô aqui trabalhando de baixo de chuva e sol (...).

Eu trabalho com reciclagem. As empresas, lojas, tudo fechando, diminuiu o lixo. Agora é mais difícil encher o carrinho<sup>5</sup>.

Quantas pessoas compõem a população em situação de rua? É um fenômeno social que ocorre somente nos países dependentes ou também está presente no capitalismo central? Segue um quadro com o número de pessoas em situação de rua ao redor do mundo que nos ajuda a responder a essas perguntas.

Quadro 1- População em situação de rua no mundo

País	Ano	Número <sup>6</sup>
Austrália	2016	116.427
Áustria	2017	21.567
Brasil	2015	101.854
Canadá	2016	129.127
Chile	2014	14.013
Dinamarca	2019	6.431
França	2012	141.500
Alemanha	2018	337.000
Grécia	2009	21.216
Itália	2014	50.724
México	2010	40.911
Polônia	2019	30.330
Portugal	2017	4.414
Espanha	2012	22.938
Suécia	2017	33.250
Estados Unidos	2018	552.830

Fonte: Elaboração própria com base em OECD<sup>7</sup> (2020).

A existência de pessoas usando as ruas como local de moradia não está restrita aos países periféricos, existe também no capitalismo central. E são muitos os que vivem nessa condição, conforme evidenciado pelo quadro. Vejamos que, nos Estados Unidos, por exemplo, mais de meio milhão de pessoas vive em situação de rua.

<sup>5</sup> CASTOR, Caio; BARBOSA, Leandro. Moradores de rua à margem da prevenção contra a Covid-19: “Lavamos as mãos nas poças quando chove”. *El país*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-20/moradores-de-rua-a-margem-da-prevencao-contra-a-covid-19-lavamos-as-maos-nas-pocas-quando-chove.html>. Acesso em: 02/04/2020.

<sup>6</sup> Esses números são baseados em pesquisas com metodologias diferentes, assim, enquanto algumas consideram nessa contagem pessoas que vivem nos locais públicos, em abrigos de emergência e em instituições de acolhimento voltados para população em situação de rua, outras não consideram todos esses grupos.

<sup>7</sup> OECDE. *HC3.1 Homeless population*. 2020. Disponível em: <https://www.oecd.org/els/family/HC3-1-Homeless-population.pdf>. Acesso em: 27/03/2020.

Esse grupo de pessoas faz parte da superpopulação relativa, integra cada uma de suas formas, e, em períodos de crise do capital, passa por uma ampliação, afinal, o adensamento da superpopulação é ao mesmo tempo um fruto do capitalismo e serve também como uma alavanca ao processo de reprodução capitalista. Logo, quando há aumento do número de pessoas que está parcial ou inteiramente desocupado, como os desempregados e inseridos no trabalho informal, haverá também crescimento da população em situação de rua<sup>8</sup>.

Sobre tal crescimento, tomemos como exemplo o Brasil que, em 2008, fez uma pesquisa nacional<sup>9</sup> que apontou 31.922 pessoas<sup>10</sup>. Em 2015, um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) encontrou 101.854 pessoas, conforme o quadro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). Em 2020, usando dados da Secretaria de Gestão e Avaliação da Informação (SAGI), a mesma fonte da pesquisa de 2015, tivemos, em fevereiro de 2020, pelo menos 140.207<sup>11</sup> pessoas em situação de rua.

A expressão “pelo menos” é usada, pois tanto os números de 2015 quanto os de 2020 referem-se a famílias inseridas no cadastro único. Assim, o número tende a ser maior, pois nem todas as pessoas em situação de rua estão inseridas nesse cadastro.

Trazendo um dado mais exato, o Ipea fez um levantamento que apontou a presença de 221.869 pessoas em situação de rua em março de 2020. Vejamos que o crescimento, considerando o levantamento anterior do Ipea, de 2015, foi imenso. O número de pessoas mais que dobrou<sup>12</sup>.

Desses dados podemos inferir a relevância de se estudar esse fenômeno social e indicar a indispensabilidade de nos apropriarmos do conhecimento sobre o assunto para podermos propor caminhos para trabalhar com ele.

---

<sup>8</sup> TIENGO, Verônica Martins. *Rualização e informalidade: Frutos do capitalismo*. Curitiba: Appris, 2020.

<sup>9</sup> BRASIL. *Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008.

<sup>10</sup> A pesquisa foi feita em 71 municípios brasileiros, não entraram na contagem São Paulo, Belo Horizonte e Recife, por apresentarem pesquisas semelhantes no mesmo período em que ocorreu a nacional.

<sup>11</sup> SAGI. *Famílias em situação de rua no cadastro único*. Disponível em: [https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/vis/data3/v.php?q\[\]=y7iWo5XVnqihj65247zPr9OTiH9ihoN6c omJjZp5dnmkfYaYl33PoZyNsquilzrbF2rmqp9mcvabT wAhv3a3WuJqIf9HaubeqclS3uufLvrDusN Z1la5l2tjRGvffyrjBiLigYqTC4e3RHNkICrtzpryBysORebywuLzKu9yqt2nlvHSuyLC0td%2FM wmIH%2B8W7y8nDtrA%3D](https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/vis/data3/v.php?q[]=y7iWo5XVnqihj65247zPr9OTiH9ihoN6c omJjZp5dnmkfYaYl33PoZyNsquilzrbF2rmqp9mcvabT wAhv3a3WuJqIf9HaubeqclS3uufLvrDusN Z1la5l2tjRGvffyrjBiLigYqTC4e3RHNkICrtzpryBysORebywuLzKu9yqt2nlvHSuyLC0td%2FM wmIH%2B8W7y8nDtrA%3D). Acesso em: 25/03/2020.

<sup>12</sup> NATALINO, Marco. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Nota técnica nº73. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais: IPEA, 2020. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200612\\_nt\\_disoc\\_n\\_73.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf)>. Acesso em: 17/07/20.

### Especificidades da situação de rua<sup>13</sup>

A heterogeneidade presente no fenômeno população em situação de rua está permeada por múltiplas determinações. Diversas são as causas associadas à ida para as ruas. Os fatores mais enfatizados pela literatura são o desentendimento com alguns membros da família e o desemprego. "*A história revela que as causas estruturais desse fenômeno vinculam-se à estrutura da sociedade capitalista*"<sup>14</sup>.

Silva<sup>15</sup> destaca três condições básicas do fenômeno população em situação de rua: 1) pobreza extrema, 2) quebra de vínculos familiares e 3) ausência de moradia com utilização da rua como habitação.

O modo de produção capitalista foi o primeiro que conseguiu produzir o suficiente para todos. Por esse motivo, ele é o mais bárbaro. Mesmo com a possibilidade material de superação da pobreza, ele continua sendo reproduzido, pois, se de um lado há acúmulo de miséria por muitos, do outro há acúmulo de riqueza por poucos.

Pessoas extremamente pobres que moram nas ruas existem há muito tempo. A diferença, e o que torna o capitalismo ainda mais cruel, é que os modos de produção anteriores, mesmo se quisessem, não teriam condições materiais de acabar com a pobreza ou com a existência dos chamados mendigos. A capacidade produtiva não oferecia o suficiente para todos. Hoje, diferentemente, existe o suficiente, mas a distribuição desigual permite que muitos vivam na pobreza, alguns chegando até mesmo à situação de rua, sobrevivendo sem sequer se alimentar adequadamente, enquanto poucos possuem uma quantia imensurável de dinheiro e têm muitos bens desnecessários<sup>16</sup>.

Entendemos a pobreza na sociedade capitalista como consequência da desigualdade na distribuição da riqueza produzida, visto que a reprodução é social e a apropriação privada, baseada na exploração do capital sobre o trabalho. Logo, a pobreza para nós é uma expressão da questão social, compõe um dos produtos necessários à acumulação capitalista, que associa acumulação de riqueza à acumulação de miséria<sup>17</sup>.

Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, desemprego, os empregados de modo precário e

---

<sup>13</sup> Parte da discussão presente neste item e nos próximos está presente na minha dissertação de mestrado, defendida em 2016, que foi publicada como livro em 2020, intitulado *Rualização e Informalidade: Frutos do Capitalismo*.

<sup>14</sup> SILVA, Maria Lúcia Lopes da. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009, p.105.

<sup>15</sup> Op. cit.

<sup>16</sup> NETTO, José Paulo. A Questão Social na América Latina. In: GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; RAIZER Eugênia Célia. *A questão social e as políticas sociais no contexto latino-americano*. Vitória: EDUFES, 2013.

<sup>17</sup> NETTO, José P. Cinco Notas a propósito da "Questão Social". *Temporalis*, Brasília, n. 3, p. 41-49, jan./ jun, 2001.

MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a revolta, a tensão e o medo são sinais que muitas vezes anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade<sup>18</sup>.

Destacamos seis características fundamentais do fenômeno população em situação de rua. O primeiro traço característico desse fenômeno são suas "*múltiplas determinações*"<sup>19</sup>. O reconhecimento de que não é somente um, mas diversos os fatores envolvidos na situação de rua é consenso no debate.

Os fatores que envolvem a situação de rua podem ser divididos em "estruturais", "biográficos" e "fatos da natureza"<sup>20</sup>.

Fala-se em fatores estruturais (ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto social etc.), fatores biográficos, ligados à história de vida de cada indivíduo (rupturas dos vínculos familiares, doenças mentais, consumo frequente de álcool e outras drogas, infortúnios pessoais - morte de todos os componentes da família, roubos de todos os bens, fuga do país de origem etc.) e, ainda, em fatos da natureza ou desastres em massas - terremotos, inundações, etc.<sup>21</sup>

O segundo ponto determinante é o fato de tratar-se de uma "*expressão radical da questão social*"<sup>22</sup>. Entendemos que a relação contraditória existente entre capital e trabalho, âmago do capitalismo, que se traduz em diversas expressões da questão social, continua com o desenvolvimento capitalista. Dessa forma, não surgiu uma "nova questão social"; novas são suas expressões, que surgem quanto mais o processo de acumulação capitalista se desenvolver<sup>23</sup>.

O fenômeno população em situação de rua é uma expressão incontestada das desigualdades sociais resultantes das relações sociais capitalistas, que se processam a partir do eixo capital/trabalho. E, como tal, é expressão incontestada da questão social<sup>24</sup>.

A existência de um grupo de seres humanos que vive nas ruas demonstra que o capitalismo chegou a um nível de barbárie elevado. Isso porque, mesmo havendo possibilidade de todas as pessoas do mundo viverem confortavelmente, ainda existem muitas que não têm nem mesmo os meios básicos para reprodução de sua vida.

---

<sup>18</sup> YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 110, p. 288-322, June 2012, p. 290. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01/04/2020.

<sup>19</sup> SILVA, *op. cit.*, p.105.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> SILVA, *op. cit.*, p.106.

<sup>23</sup> NETTO, *op. cit.*

<sup>24</sup> SILVA, *op. cit.*, p.115

O terceiro ponto é a presença da população em situação de rua nas cidades, o que não é um fator novo, pois a existência das cidades está fortemente ligada ao fenômeno população em situação de rua. Essa presença nos grandes centros urbanos atualmente é explicada pelo maior número de oportunidades de trabalhos, que compõe a estratégia de sobrevivência dessas pessoas.

Nas cidades são encontrados materiais recicláveis que podem ser vendidos, tornando-se uma fonte de renda; os carros para serem lavados e vigiados; os caminhões para serem descarregados. A própria arquitetura da cidade permite o pernoite desse grupo populacional, com a existência de locais que podem ser utilizados por eles para esse fim. Além disso, nas cidades estão presentes os abrigos e albergues, que podem ser buscados pelas pessoas em situação de rua. Ainda, igrejas e ONGs promovem distribuição de comida, especialmente à noite<sup>25</sup>.

Outro ponto importante é "*o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade às pessoas atingidas pelo fenômeno*"<sup>26</sup>. Quando tratamos dos termos para designar a situação de rua, ficou notório tal preconceito. A noção prévia, motivada pela ideologia neoliberal dominante, considera as pessoas em situação de rua como vagabundos e perigosos, um grupo preguiçoso, que não se esforçou, não estudou, não gosta de trabalhar, não quer trabalhar, culpadas por sua situação<sup>27</sup>.

Todavia, quando estudamos a respeito do tema, percebemos que essas pré-condições não passam de preconceito. A população em situação de rua é formada por componentes da superpopulação relativa que não escolheram a situação em que se encontram, mas nela foram colocados como consequência do desenvolvimento do capitalismo. Eles buscam trabalho formal, todavia sua condição de componente da população em situação de rua, associada a um baixo nível instrucional, dificulta o seu êxito<sup>28</sup>.

O quinto fator determinante são as particularidades regionais. Em período de inverno rigoroso no Sul e Sudeste do país, há uma menor percepção do fenômeno, porque as pessoas por ele atingidas utilizam estratégias para se proteger do frio, recolhendo-se em albergues ou outros espaços e, algumas vezes, deslocando-se, temporariamente, para outras cidades ou regiões<sup>29</sup>.

<sup>25</sup> SILVA, *op. cit.*; VIEIRA Maria Antonieta da Costa; BEZERRA Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec, 2004.

<sup>26</sup> SILVA, *op. cit.*, p.119.

<sup>27</sup> Salientamos que o preconceito em relação às pessoas em situação de rua não é algo novo. Existe desde muitos anos antes do surgimento do neoliberalismo, com tratamentos desumanos que chegavam até aos assassinatos em praça pública. Ainda que a caridade fosse motivada, prestada aos considerados pobres merecedores. Ver mais em MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 47-58, Aug. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03/04/2020.

<sup>28</sup> TIENGO, Verônica Martins. *População em situação de rua: o fruto necessário à reprodução capitalista e a funcionalidade do trabalho informal*. 2016, 152 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

<sup>29</sup> SILVA, *op. cit.*, p.121.

O último aspecto que caracteriza a situação de rua destacado "é a tendência à naturalização do fenômeno (...) que atribui aos indivíduos a responsabilidade pela situação em que se encontram, isentando a sociedade capitalista da produção e reprodução do fenômeno e o Estado da responsabilidade de enfrentá-lo"<sup>30</sup>.

As pesquisas sobre a população em situação de rua indicam, de forma geral, o seguinte perfil: homens sós, que andam em grupos ou sozinhos, em idade economicamente ativa, que tiveram problemas na família – seja motivados pela utilização de álcool e outras drogas pelas pessoas que vão para as ruas ou por seus familiares, seja pela morte de algum parente, ou ainda a separação da esposa –, possuem baixo nível instrucional e o desemprego está frequentemente presente.

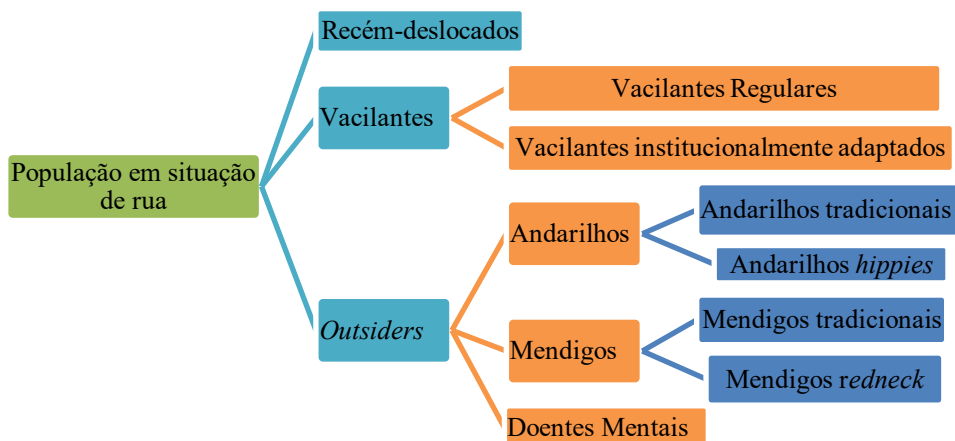
O tempo de rua é imprescindível ao estudo do tema, pois cada momento nessa situação possui especificidades próprias e, por conseguinte, exige respostas diferentes, que se adéquam melhor às necessidades específicas. Sobre isso discutiremos no próximo ponto.

### Momentos da situação de rua

O tempo de rua é relevante, visto que quanto mais cresce o tempo vivendo nas ruas, mais difícil fica voltar para a vida anterior, voltar a ter contato com a família, conseguir um trabalho regular.

Snow e Anderson<sup>31</sup> dividem as pessoas em situação de rua em grupos com características específicas. A seguir trazemos uma figura para observarmos melhor essas características e fazemos algumas considerações sobre elas, apresentando suas principais características e diferenças.

**Figura 1- Momentos da situação de rua**



Fonte: Elaboração própria com base em Snow e Anderson (1998)

<sup>30</sup> Idem, p.122.

<sup>31</sup> Idem.

A figura anterior demonstra três momentos gerais da situação de rua e suas subdivisões. O determinante nelas é o tempo de rua. Quanto mais tempo nas ruas, mais há proximidade com a tipologia *outsiders*. Não podemos olhar para a figura de forma determinista, não defendemos que os que vivem nas ruas passaram necessariamente por cada um desses momentos, tampouco que se encontrem em somente um desses momentos.

Os recém-deslocados estão há pouco tempo nas ruas, têm medo dessa nova realidade na qual se encontram, desejam voltar para a vida anterior à situação de rua, planejam sair das ruas, conversam sobre isso e suas ações baseiam-se em tentativas para atingir seu objetivo. Procuram trabalhos que Snow e Anderson<sup>32</sup> chamam de convencionais e trabalhos de um dia. "*Repudiam a identidade social de pessoa de rua e rapidamente enfatizam para os outros que não são como a maioria dos moradores de rua*"<sup>33</sup>.

Os vacilantes perdem o medo das ruas, a vida e sobrevivência nesse ambiente passam a ser algo familiar. Conhecem novas pessoas nas ruas e possuem maior facilidade para conseguir comida, abrigo e companhia. Desejam sair das ruas, mas suas ações para concretizar tal desejo não são tão contínuas quanto às dos recém-deslocados.

Os vacilantes regulares estão no meio do caminho, podem conseguir sair das ruas a qualquer momento, como podem continuar nela e se tornarem *outsiders*. Os vacilantes institucionalmente adaptados estão também numa fase de transição e possuem ligação com as ruas, mas conseguem se afastar em certa medida. Trabalham nos locais que oferecem serviços para as pessoas em situação de rua em troca de moradia, alimentação e uma pequena remuneração.

Quando as pessoas chegam ao momento em que são chamadas de *outsiders*, já se acostumaram com a vida nas ruas e seu objetivo maior é sobreviver nelas e não sair delas. "*São indivíduos para quem a vida de rua se tornou um dado que não se questiona (...) Raramente falam sobre sair das ruas. São pessoas para quem o passado e o futuro se aniquilaram no presente*"<sup>34</sup>. O grupo de *outsiders* foi subdividido pelos autores entre andarilhos, mendigos e doentes mentais. Vejamos que não podemos dizer que os que se encontram nesse grupo não desejam mais sair das ruas. Na realidade, eles possuem pouca esperança de que isso se concretize, visto que já tentaram de tudo e, mesmo assim, permanecem em situação de rua.

Os andarilhos deslocam-se com frequência e a utilização do álcool é uma de suas marcas, são subdivididos entre tradicionais e *hippies*. Os andarilhos tradicionais são identificados pelo consumo de álcool e pelo trabalho. Suas migrações são motivadas pela busca de trabalho. Os andarilhos *hippies* usam outras drogas em maior medida do que o álcool e andam com outros *hippies*, utilizando locais próximos a faculdades para venda de entorpecentes.

Os mendigos, ao contrário dos andarilhos, possuem uma pequena mobilidade, ficam nos mesmos locais por muito tempo e a dependência do álcool é

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> SNOW; ANDERSON, *op. cit.*, p.88.

<sup>34</sup> Idem, p.102.

crônica. Dois grupos fazem presença, os tradicionais e os *redneck*. Os mendigos tradicionais não costumam trabalhar. O motivo para isso, de acordo com os autores, é a indiferença ou debilidade física em que se encontram devido aos anos de bebida nas ruas. Sua estratégia de sobrevivência é a mendicância, catação de lixo e doações de instituições de caridade. Os mendigos *redneck* brigam com frequência, andam em grupos e, para sobreviver, além da mendicância, vendem plasma e comercializam objetos.

Para os doentes mentais, os autores utilizaram três critérios: "*internação anterior, designação como doente mental para outros indivíduos moradores de rua; e conduta tão bizarra e situacionalmente inadequada que ela seria (...) interpretada como (...) doença mental*"<sup>35</sup>. Sobrevivem encontrando comida no lixo, mendigando e recebendo benefícios de renda do governo.

Vieira et al.<sup>36</sup> apresentam três momentos da situação de rua, conforme segue.

a) Ficar na rua

Há medo de ficar nas ruas e todas as forças são usadas na tentativa de encontrar um trabalho e conseguir sair desse ambiente. Nesse momento, tais pessoas não se consideram em situação de rua, tampouco se associam aos que nela moram.

Normalmente, as atividades desenvolvidas por quem se encontra neste momento da situação de rua são: "*Construção civil, empresas de conservação e vigilância*"<sup>37</sup>.

b) Estar na rua

Ainda existe o medo das ruas, todavia as pessoas já se associam aos que nelas vivem, começam a conhecer os locais de distribuição de comida. Ainda buscam trabalho, mesmo que sua busca não seja tão veemente quanto na primeira fase.

É comum neste momento o desenvolvimento das seguintes atividades: "*Bicos na construção civil, ajudante geral, encartador de jornal, catador de papel*"<sup>38</sup>.

c) Ser da rua.

Muito tempo passou, as pessoas passam a se identificar como população em situação de rua, conhecem estratégias de sobrevivência e não possuem mais medo de se associarem aos grupos que utilizam as ruas como moradia.

Os que possuem essas características costumam realizar as seguintes atividades: "*Bicos, especialmente de catador de papel, guardador de carros, encartador de jornal*"<sup>39</sup>.

Um dos diferenciais desses momentos é a alternância; os que se encontram nas duas primeiras fases ainda alternam as ruas com albergues, abrigos e pensões. Porém a última fase é caracterizada pelas autoras como "permanente". O tempo de rua é fundamental, visto que quanto mais tempo as pessoas ficarem nas ruas,

---

<sup>35</sup> Idem, p.115.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> VIEIRA et al., op. cit., p.95.

<sup>38</sup> Idem, p.95.

<sup>39</sup> Idem, p.95.

gradativamente mudam seus hábitos, sua aparência, e, a situação de rua torna-se cada vez mais permanente<sup>40</sup>.

Observamos que os três grandes grupos de Snow e Anderson<sup>41</sup> – recém-deslocados, vacilantes e *outsiders* – possuem grande semelhança com três diferentes situações com relação à vida nas ruas demonstradas por Vieira et al.<sup>42</sup>: ficar na rua, estar na rua e ser da rua. Dessa forma, associamos neste artigo os recém-deslocados aos que ficam nas ruas, os vacilantes aos que estão na rua e os *outsiders* aos que são da rua.

Uma questão normalmente relacionada à moradia nas ruas é a preguiça, vagabundagem e falta de esforço<sup>43</sup>, como se a existência dessas pessoas fosse meramente uma consequência de ações e escolhas individuais. Seria isso correto? Segue uma discussão sobre a relação da população em situação de rua com o trabalho.

## Trabalho

A principal estratégia de sobrevivência da população em situação de rua latino-americana ocorre por meio do trabalho informal<sup>44</sup>. Seguem dados de pesquisas de países e cidades que corroboram essa afirmação e dados também sobre o tempo de rua.

**Quadro 2- Trabalho e tempo de rua**

Local	Ano	Trabalho	Mendicância/ Pedido/ Manguio	Tempo de rua
<b>Bogotá<sup>45</sup> (Colômbia)</b>	2017	59,9%	19,5%	68% mais de 6 anos
<b>Córdoba<sup>46</sup> (Argentina)</b>	2018	62,4%	<sup>47</sup>	34,8% estão há mais de 2 anos 16,7% entre 9 meses e 2 anos 27,1% entre 2 e 9 meses 19,5% entre 1 dia e 2 meses.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> MATTOS et al. op. cit.

<sup>44</sup> TIENGO, op. cit; SILVA, op. cit; VIEIRA et al., op. cit.

<sup>45</sup> BOGOTÁ. *Censo Habitantes de Calle*. Secretaria distrital de integración social. Administrativo Nacional de Estadística. Gobierno de Colombia 2018. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/censo-habitantes-calle/presentacion-resultados-hab-calle-bogota-2017.pdf> . Acesso em 03/04/2020.

<sup>46</sup> CÓRDOBA. *Personas em situación de calle* 2018. Córdoba: Defensor del Pueblo de la provincia de Córdoba. Instituto del género e promoción de la igualdad. 2018. Disponível em: [http://www.defensorcordoba.org.ar/archivos/publicaciones/2018-8-21-17.22.50.358\\_GaleriaArchivo.pdf](http://www.defensorcordoba.org.ar/archivos/publicaciones/2018-8-21-17.22.50.358_GaleriaArchivo.pdf). Acesso em: 03/04/2020.

<sup>47</sup> Entre as atividades para ganhar dinheiro está incluído o pedido, mas não é revelada a porcentagem específica.

<b>Chile<sup>48</sup></b>	2012	68,3%	5,8% das mulheres; 3,5% dos homens	26,9% há menos de um ano 28,5% há mais de um ano 37,9% 5 anos ou mais
<b>Brasil<sup>49</sup></b>	2008	70,9%	15,7%	48,4% há mais de 2 anos 16,8% entre 1 e 2 anos 25,5% entre 1 mês e 1 ano

Fonte: Elaboração própria.

Para continuarmos a reflexão sobre a última pergunta feita, se a vida nas ruas é uma escolha, destacamos a fala de Jorge, um homem que viveu em situação de rua por cerca de dez anos.

Você não fala assim: eu vou pra rua. Quando você não tem para onde ir você já se vê naquela situação. E aí, quando eu menos percebia eu me via na rua. Aí, mas só que não era fixo. Era temporário, tinha as panhas, ia para a lavoura, me alojava lá, ganhava um dinheiro, fazia lindos planos, agora eu começo a minha vida, vou pra cidade arrumar um bom emprego, vou trabalhar de ajudante, vou ter uma bela vida, e, aqueles sonhos que são frustrados quando acaba o seu dinheiro e num tem um emprego, né<sup>50</sup>.

Além do caráter gradual da moradia nas ruas, que ocorre como um processo e não de uma hora para outra, ela não é uma escolha, caracteriza-se como última opção. Na trajetória de Jorge, ocorreu de forma intermitente: há presença do trabalho e o sonho de ter uma “bela vida”, mas o trabalho lhe rende somente o suficiente para a reprodução da situação de rua.

Segue outro extrato do relato de Jorge:

Sempre procurei alguma coisa pra mim fazer de bom, de que seja útil, que seja trabalho. Eu já catei latinha, jááá vigiei carro, já lavei carro, já trabalhei pra quiosqueiro, é de praia, já fiz inúmeros trabalhos de rua, é, eeeee já pedi, já pedi esmola também, já fui pedinte também.

(...) Então, a gente ia é, usava estratégias essas aí, e, de catar uma lata, de aproveitar um evento de futebol, a praia, e, às vezes até mesmo tirar os cocos pra comércio, as árvores de côco lá de Camburi, sempre dava muito côco. A gente usava de vender alguma coisa, bala, é, tinha muitos trabalhos que a gente fazia, mas o que mais eu fazia mesmo era vigiar carro e catar latas. O reciclador incansável, a pessoa em situação de rua. E, o, o, o, ele não consegue juntar muito né, porque há necessidade, várias pessoas podem, coletando, o domiciliado que vem pra rua pra catar e volta pras suas casa, tem a pessoa da lojinha que guarda prum parente, prum conhecido,

<sup>48</sup> Chile. *En Chile Todos Contamos: Segundo Catastro Nacional de Personas en Situación de Calle*. Chile: Ministerio de Desarrollo Social, 2012. Disponível em: <http://www.desarrollosocialyfamilia.gob.cl/btca/txtcompleto/midesocial/enchletodoscontamos-2catastrocalles.pdf>. Acesso em: 24/03/2020.

<sup>49</sup> BRASIL, *op. cit.*

<sup>50</sup> A entrevista foi feita para a minha tese de doutorado, que está em andamento, e foi realizada em janeiro de 2020. A pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e a realização de entrevistas foi aprovada pelo comitê de ética. Saliento que, com o intuito de resguardar o anonimato, Jorge é um nome fictício, escolhido pelo entrevistado.

tem pessoas que já tem um conhecido que guarda pra eles, então é uma disputa, na verdade, é uma disputa, uma sobrevivência.

Vemos aqui algumas estratégias de sobrevivência usadas por Jorge. Salientamos que a catação de latinhas, atividades de lavar e vigiar carros e venda ambulante estão entre os trabalhos informais mais realizados pela população em situação de rua para conseguir renda, conforme os seguintes dados:

### **Bogotá**<sup>51</sup>

- 39,7% trabalham com reciclagem;
- 17,1% limpam vidros e cuidam de carros e venda ambulante;
- 3,1% cantam, fazem malabares ou artesanato;
- 19,5% pedem dinheiro.

### **Chile**<sup>52</sup>

- 24,7% das mulheres e 16% dos homens trabalham com venda ambulante;
- 9,8% das mulheres/ 7,7% dos homens com recicláveis;
- 9,2% dos homens e 9% das mulheres cuidam de carros;
- 5,9% dos homens e 7,7% das mulheres apontam trabalhos esporádicos.

### **Brasil**<sup>53</sup>

- 27,5% trabalham com reciclagem;
- 14,1% com o cuidado de carros;
- 6,3% com construção civil.

Será que o número de postos de trabalho é suficiente para todos os trabalhadores? Quando tratamos da população em situação de rua, por exemplo, sabemos que o baixo nível instrucional<sup>54</sup> é uma das características que formam o seu perfil. Logo, nem todos os empregos são possíveis para a maioria dos que moram nas ruas, e sim aqueles que exigem menor escolaridade.

Snow e Anderson<sup>55</sup> demonstraram em sua pesquisa que pouquíssimos são os trabalhos para os quais a população em situação de rua poderia se candidatar. Somente cerca de 5% dos trabalhos disponíveis poderiam ser disputados pelas pessoas que moram nas ruas.

É evidente que a forma do trabalho desenvolvido por pessoas que não moram nas ruas é diferente daquele desenvolvido pela população em situação de rua. O trabalho continua importante na vida dessas pessoas, mas toma um novo significado.

---

<sup>51</sup> BOGOTÁ, *op. cit.*

<sup>52</sup> CHILE, *op. cit.*

<sup>53</sup> BRASIL, *op. cit.*

<sup>54</sup> Na pesquisa nacional brasileira, por exemplo, a soma dos que nunca estudaram (15,1%) com os que não completaram o ensino fundamental (48,4%) totaliza 63,5%, segundo a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de rua.

<sup>55</sup> *Op. cit.*

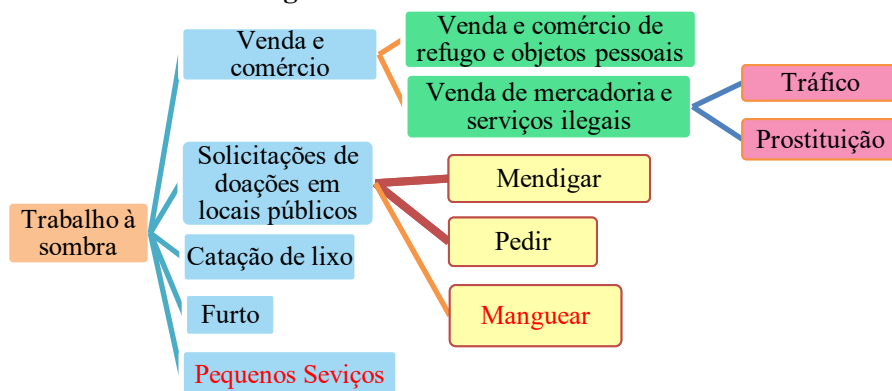
Muitos são os empecilhos para o trabalho regular. Além do baixo nível de escolaridade, como já citamos, existem outros, tais como: a dificuldade de tomar banho e vestir roupas adequadas para a entrevista; quando precisam levar o colchonete que usam à noite e roupas extras, o empregador logo percebe que se trata de alguém que mora na rua e dificilmente o escolherá para a vaga; mesmo quando conseguem tomar banho, vestir uma roupa adequada e guardar seus pertences, eles precisam indicar um endereço e, quando usam o endereço do abrigo em que estão, são descartados para a vaga<sup>56</sup>.

Quando a pessoa em situação de rua supera todos esses obstáculos e consegue um trabalho formal, ela acaba dependendo das instituições voltadas para a população em situação de rua para se alimentar e dormir, precisando cumprir diversas regras e horários. Seguir essas regras relacionadas aos horários para entrada no albergue e das refeições representa faltas e atrasos nos trabalhos, o que motiva sua demissão. Esse é um padrão que Snow e Anderson<sup>57</sup> chamam de "*porta-giratória em que o trabalho regular torna-se temporário e cíclico*".

Uma das formas de trabalho realizadas pelo grupo populacional aqui estudado é o trabalho de um dia, aquele em que não há continuidade, envolve o descarregamento de caminhões, trabalho em quintais, na construção civil. Esse tipo de trabalho, apesar de pagar menos que um trabalho regular, remunera no fim do dia de trabalho<sup>58</sup>.

Snow e Anderson<sup>59</sup> discutem sobre algumas estratégias de sobrevivência utilizadas pelas pessoas em situação de rua, eles chamam de "trabalho à sombra". Segue um esquema sobre as formas de "trabalho à sombra" indicadas pelos autores.

**Figura 2- Trabalho à sombra**



Fonte: Elaboração própria com base em Snow e Anderson (1998)<sup>60</sup>

<sup>56</sup> SNOW, ANDERSON, *op. cit.*

<sup>57</sup> Idem, p.200.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem.

<sup>60</sup> Compondo “venda e comércio”, os autores destacam a venda de plasma. Como essa estratégia de obter rendimentos não está adequada à realidade brasileira, não colocamos em nossa figura. Os autores não destacam os pequenos serviços, nós trazemos por entendermos que se trata de uma

Os autores supracitados consideram as diversas formas acima esquematizadas como trabalho.

Não se trata de trabalho tal como concebido tradicionalmente, com certeza. Mas é trabalho, pois em cada caso a atenção e a energia se concentram na obtenção de dinheiro ou de outros bens materiais para uso pessoal ou troca. Diferentemente do trabalho remunerado, todavia, nessas atividades há de pouca a nenhuma troca regularizada de trabalho por dinheiro (...) Trata-se de estratégias compensatórias de subsistência que são criadas ou buscadas na sombra do trabalho mais convencional<sup>61</sup>.

Dois aspectos nos chamam a atenção na pesquisa de Snow e Anderson (1998) no que diz respeito ao trabalho: o primeiro é o fato de eles considerarem a mendicância e o pedido de dinheiro como trabalho, visto que as pessoas despendem tempo e força nesta empreitada. O segundo ponto pode ser visto no último esquema, é a diferenciação feita entre mendicância e pedido de dinheiro. A mendicância envolveria as atividades em que as pessoas em situação de rua tomam uma posição de humildade, e seu corpo e jeito solicitam dinheiro. O pedido de dinheiro difere-se, pois, em vez de humildade, as pessoas que utilizam essa estratégia de sobrevivência pedem com mais veemência, importunam, andam junto com as pessoas a quem pedem, de forma que provocam medo e reclamam quando não recebem a ajuda solicitada.

Catar lixo não envolve menos labuta e suor do que a maioria dos tipos de trabalho manual e pedir dinheiro exige efetivamente uma certa índole interacional e o emprego de aptidão para contatos interpessoais que são a parte integrante de muitos tipos de trabalhos com vendas<sup>62</sup>.

Destacamos, também, que a ética do trabalho traz a mendicância e o pedido de dinheiro como algo impróprio. Se o trabalho dignifica o homem, ideário de nossa sociedade capitalista, a mendicância representa o oposto disso. Dessa forma, os recém-deslocados e vacilantes têm mais dificuldade em utilizar essa estratégia; eles preferem continuar buscando trabalhos para sobreviver. Lembramos que esses grupos não vivem há muito tempo nas ruas e ainda não se identificam como pessoas em situação de rua. Os recém-deslocados sequer costumam se associar aos que estão em situação de rua. Para esse grupo, estão presentes a vergonha e o embaraço. A mendicância e pedido são mais usados pelos *outsiders*, grupo há mais tempo na rua, com poucas expectativas de saída dessa situação<sup>63</sup>.

No que diz respeito à utilização do álcool e outras drogas, é uma forma de fugir da realidade em que a população em situação de rua vive. Outra maneira de fuga

---

prática fundamental para a vida da população em situação de rua brasileira. Acrescentamos também o manguêio, sobre o qual comentaremos à frente.

<sup>61</sup> SNOW; ANDERSON, *op. cit.*, p.238.

<sup>62</sup> Idem, p.278.

<sup>63</sup> Idem.

é a criação de realidades alternativas, muitas vezes a doença mental surge como consequência da situação de rua, como uma forma de ignorar a realidade<sup>64</sup>.

Existem aquelas pessoas que antes da situação de rua utilizavam o álcool e aquelas que viviam em sofrimento psíquico, contribuindo para sua vida nas ruas. Entretanto, como destacamos acima, essas duas vertentes podem ser consequências na vida desse grupo populacional.

Isso porque a vida nas ruas é difícil. As pessoas nessa situação diariamente precisam lutar para conseguir abrigo, buscar trabalho, proteger-se da violência (quando não conseguem vaga em abrigos), viver com a decepção de não conseguir um trabalho estável. Quando conseguem algum trabalho, ele não supre suas necessidades básicas e tais pessoas acabam continuando dependentes das instituições voltadas para a população que vive nas ruas. Além disso, veem constantemente o olhar de desprezo das pessoas que as chamam de vagabundas, preguiçosas e que precisam procurar trabalho. Há sofrimento e, entre as formas de fuga, estão o álcool, como já dissemos, a doença mental e as drogas. O tempo de rua é um dado fundamental e quanto maior o tempo nas ruas, maior é a probabilidade de as pessoas usarem cronicamente álcool e drogas<sup>65</sup>.

No que diz respeito à identidade com as ruas, segue uma figura para ilustrar melhor o assunto, baseada em Snow e Anderson<sup>66</sup>.

**Figura 3 - Identidade**



Fonte: Elaboração própria com base em Snow e Anderson (1998).

O distanciamento associacional e do papel são comuns entre os recém-deslocados. Neles as pessoas tentam demonstrar que não são pessoas em situação de rua; no segundo, há negação de trabalhos que exigem muita força física e

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> SNOW, ANDERSON, *op. cit.*; VIEIRA et al., *op. cit.*

<sup>66</sup> Idem.

normalmente são usados pelos que moram nas ruas. O distanciamento institucional é comum entre vacilantes e *outsiders*, que dificilmente aceitam acolhimento. Aceitação do papel é identificar-se como andarilho, pessoa em situação de rua. Aceitação ideológica envolve a participação em grupos com os quais se identifique, um exemplo é o grupo de alcoólicos anônimos. A narrativa fictícia é dividida em duas: o embelezamento da realidade e a fantasia. O embelezamento é mais comum entre os *outsiders*, e a fantasia entre os recém-deslocados. Contam uma história verdadeira, porém aumentada quanto ao acontecimento de alguns fatos ou histórias falsas, totalmente inventadas<sup>67</sup>.

Melo<sup>68</sup> revela uma das estratégias de sobrevivência utilizada pela população em situação de rua, o manguieio, uma forma de conseguir dinheiro, alimento ou roupas contando uma história, que pode ser total ou parcialmente inventada, de forma a comover os interlocutores que, sensibilizados, ajudam.

Uma das formas de manguieio é contar todas as tragédias da vida como se tivessem acontecido naquele dia. Um dos relatos que retratam o manguieio conta a história de Ivanir que, antes da situação de rua, comprava remédios para tratar a bronquite crônica de que sua mãe sofria. Nas ruas, lembrou-se desse fato, correu (para que quando abordasse as pessoas estivesse com aspecto cansado), contou que o pai sofria de bronquite crônica e estava em casa esperando os remédios; rapidamente Ivanir conseguiu dinheiro<sup>69</sup>.

### Considerações finais

O fenômeno social população em situação de rua, uma “*expressão radical da questão social*”<sup>70</sup>, demonstra a barbárie inerente ao desenvolvimento capitalista e é uma dramática evidência de que precisamos de uma mudança substancial na forma como a riqueza é apropriada. É urgente outro modo de produção que não esteja pautado sobre a opressão, sobre a exploração de uma classe sobre a outra; diferente desse modo de produção que continuamente produz e reproduz pessoas que integram um grupo que vive em situação desumana, sem acesso aos meios básicos de vida. É essa nova sociedade que almejamos, em que todos possam alcançar uma emancipação humana, e a democracia e a liberdade sejam uma realidade concreta.

Enquanto não conquistamos essa nova sociedade, necessitamos exigir do Estado que as políticas sociais voltadas para a população em situação de rua sejam concretizadas e outras sejam elaboradas, objetivando mitigar o sofrimento dessa população.

Os Centros de Referência Especializados para população em situação de rua, os Centros de Atenção Psicossocial, as instituições de acolhimento precisam de

---

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. *A rua e a sociedade: articulações políticas, sociabilidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Paraná, 2011.

<sup>70</sup> SILVA, *op. cit.*, p.26.

melhorias, tanto no que diz respeito ao acesso quanto à estrutura e capacitação de seus profissionais. A divisão do fundo público precisa contemplar a área social para que, de fato, atenda às necessidades humanas. Isso permitiria melhorar a estrutura em relação à ampliação (com criação de novas vagas de acolhimento, número maior de pessoas que acessam os programas, como o de habitação, estratégias de capacitação voltadas para o trabalho e renda); à adequação às legislações em relação ao espaço para atendimento individual e coletivo; ao número de pessoas por quarto, no caso das instituições de acolhimento; à necessidade de locais com boa circulação de ar. Outro ponto importante é o funcionamento 24 horas.

Para tais melhorias, carecemos de uma capacitação dos profissionais que lidam com a população em situação de rua. Eles precisam conhecer o grupo que atendem, conhecer tanto o seu perfil como as políticas públicas que deveriam contribuir para amenizar a ampliação desse fenômeno social e pensar em estratégias que visem a saída das ruas.

Além disso, precisamos lutar para que a população em situação de rua acesse políticas públicas integrais que atendam a cada uma de suas necessidades, que são diversas, no campo da habitação, assistência, saúde, educação, previdência, trabalho, renda e segurança pública. É urgente que esse grupo de pessoas seja atendido com uma renda mínima que, articulada às demais políticas, garanta a sua sobrevivência.

Artigo recebido em 4.4.2020

Aprovado em 19.6.2020